



A Um estudo sobre sintagmas preposicionais nucleados por 'de' como predicados de sentenças copulativas no português brasileiro do século XIX

A study on prepositional phrases headed by 'de' as predicates of copular sentences in 19th century's brazilian portuguese

Edson José Rodrigues Júnior (UFPE)*
Universidade Federal de Pernambuco
Recife, Pernambuco, Brasil

Marcelo Amorim Sibaldo (UFPE)**
Universidade Federal de Pernambuco
Recife, Pernambuco, Brasil

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar e discutir questões sintático-semânticas acerca dos sintagmas preposicionais (PP, do inglês *Prepositional Phrase*) nucleados por 'de' utilizados como predicados de sentenças copulares no português do século XIX, pois, como se sabe, no português brasileiro, a seleção de cópula + PP pode culminar em papéis temáticos (ideias semânticas) distintos a depender da semântica expressa no PP pós-cópula. Para tanto, analisamos um *corpus* composto por diversos documentos originários do estado de Pernambuco, impressos e manuscritos, datados dos séculos XIX, almejando estabelecer generalizações diacrônicas entre o português deste período e o português brasileiro atual. Trabalhamos com 12 documentos, totalizando 630 páginas de variados gêneros textuais, sendo eles: cartas de leitores, cartas de redatores, cartas pessoais (manuscritas) e anúncios em jornais. Estes textos foram retirados do banco de dados virtual do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB) e até então jamais haviam sido trabalhados com foco em orações copulares e PPs predicados. Embasamos nosso estudo nos pressupostos teóricos e metodológicos de Avelar (2004), Gallego e Uriagereka (2016), Mattos e Silva (2006) e Stassen (2009). A análise apontou para uma grande predominância nas ideias semânticas de "posse" e "característica" sendo desencadeadas por PPs predicados nucleados por 'de' no português do século XIX, padrão que se assemelha ao que ocorre no português brasileiro dos dias de hoje.

Palavras-chave: Sentenças copulativas. Sintagmas preposicionais. Português brasileiro. Estudo diacrônico. Século XIX.

Abstract: This paper aims to analyse and discuss about syntactic-semantic questions about prepositional phrases headed by 'de' in copulative sentences of nineteenth century's brazilian portuguese, because, as it is known, the selection of copula + PP can create many different thematic roles (semantic ideas) depending on the semantics of the PP predicate. With that in mind, we analysed a *corpus* made of various documents originated in the state of Pernambuco (Brazil), both printed and manuscript, dating from the nineteenth century. Our analysis was centered around creating diachronic generalizations regarding 19th century's portuguese and and current brazilian portuguese. We worked with twelve documents, roughly 630 pages displaying different textual genres, among them: reader's letters, editor's letters, personal manuscript letters and newspaper ads. These texts came from the online database of the Projeto Para a História do Português Brasileiro (Project For History of Brazilian Portuguese) and were never before analysed regarding PPs and copulas until then. We based our work

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL - *Universidade Federal de Pernambuco*, Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: edsonrjunior4@gmail.com

** Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL - *Universidade Federal de Pernambuco*, Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: sibaldo@gmail.com

on the theoretical and methodological foundations laid by Avelar (2004), Gallego e Uriagereka (2016), Mattos e Silva (2006) and Stassen (2009). We stated that there was a major prominence of the semantic ideas of “ownership” and “feature” in prepositional phrases headed by ‘de’ in the data regarding 19th century’s portuguese, a pattern very similar to what happens in common use of today’s brazilian portuguese.

Keywords: Copular sentences. Prepositional phrases. Brazilian portuguese. Diachronic Studies. 19th century.

1. Introdução

Como sabido, o português brasileiro (doravante PB), assim como o espanhol, por exemplo, tem dois tipos de verbos-cópula, a saber: “ser” (do latim *sedere*, que significa “estar sentado) e “estar” (do latim *stare*, que significa “estar de pé”). A diferença básica comumente atribuída às duas cópulas verbais seria a de que o predicado com a cópula *ser* estaria tipicamente “associado a propriedades intrínsecas, interpretadas como imanentes ou, pelo menos, a atributos com efeito mais permansivo” (cf. AVELAR, 2004, p. 181), já o predicado associado a *estar* seria caracterizado “como suporte de uma atribuição adquirida e/ou como uma expressão que remete a condições mais passageiras” (cf. AVELAR, 2004, p. 181). Se fôssemos usar os termos propostos por Carlson (1977), poderíamos associar, *grosso modo*, a cópula *ser* do PB a construções do tipo *individual level* e, por outro lado, também poderíamos associar a copula *estar* a construções do tipo *stage level*. Desse modo, o significado de um determinado predicado muda de acordo com a cópula selecionada. O que foi dito até então pode ser exemplificado com os dados do PB arrolados abaixo:

- | | | |
|-----|--------------------------------------|---------------------------------------------|
| (1) | a. O João <i>está</i> gordo. | <i>Construções de tipo Stage Level</i> |
| | b. As crianças <i>estão</i> felizes. | |
| (2) | a. O João <i>é</i> gordo. | <i>Construções de tipo Individual Level</i> |
| | b. As crianças <i>são</i> felizes. | |

De outro modo, o que ocorre normalmente nas línguas com um sistema multicópula (i. e., línguas em que há mais do que uma única cópula) é uma realização fixada (i. e., lexicalizada) entre um determinado lexema e uma cópula específica. Desse modo, um determinado lexema só pode ser combinado com uma única cópula. Porém, apesar de uma gama de predicados adjetivais ser compatível tanto com a cópula *ser* quanto com a *estar*, também ocorre algo semelhante a estas línguas, nesse sentido, no PB. Sendo assim, alguns predicados só podem ser combinados com o verbo *ser* ao passo que outros só podem ser combinados com *estar*¹ (o asterisco diante de verbos/sentenças indica a sua agramaticalidade):

- | | |
|-----|------------------------------------------------|
| (3) | a. O Rafael <i>está</i> / * <i>é</i> descalço. |
| | b. A Maria <i>está</i> / * <i>é</i> grávida. |
| (4) | a. A Denise <i>é</i> / * <i>está</i> fiel. |
| | b. O João <i>é</i> / * <i>está</i> cozinheiro. |

¹ Há, porém, casos dependentes de contexto em que um determinado predicado que é tipicamente aceito com um determinado verbo cópula, digamos ser, por exemplo, e que passa a ser aceito com outro verbo cópula, digamos estar, por exemplo. Este pode ser o caso de (4a), onde um advérbio de tempo é obrigatório: (i) A Denise *está* fiel *(agora/ ultimamente).

Nas línguas em que encontramos mais de uma cópula está sempre presente o debate acerca da distinção entre elas. No caso do português brasileiro, em que há o uso dos verbos copulares *ser* e *estar*, não é diferente. Como dito até aqui, estes elementos exibem diferentes critérios de seleção de complementos: *grosso modo*, a cópula "*ser*" seleciona predicados de valor semântico permanente, imutável ou inerente ao sujeito. Já a cópula "*estar*" seleciona predicados que denotam propriedades temporárias, passageiras ou circunstanciais. Segundo Gallego e Uriagereka (2016), muitas análises trabalham com a ideia de que "*ser*" seria a cópula básica (leve) desprovida de significado, e o "*estar*", mais complexo, se aproxima mais daquilo que denominamos semicopulas por seu valor aspectual (tempo passageiro, breve, transitório; característica modificável, adquirida, inconstante). A ideia central de Gallego e Uriagereka (2016) é de que "*estar*" deriva da cópula "*ser*" com a incorporação de um elemento funcional que denominam X. Esta perspectiva prescreve que é mais fácil para um predicado selecionado por "*ser*" ser transferido para a cópula "*estar*" que o contrário acontecer. Este comportamento menos rígido de "*ser*", segundo os autores, sugere que esta é a cópula *default*, sendo mais básica que "*estar*". Esse comportamento das cópulas pode ser observado nas sentenças:

- (5)
- a. Mário é elegante.
 - b. Mário está elegante.
 - c. Alice está de cama.
 - d. *Alice é de cama.

Maienborn (2004, 2005 apud GALLEGO & URIAGEREKA, 2016) traz dados empíricos e teóricos que apontam para uma "dependência de localização" nos predicados *stage level* – que no Português são mais produtivamente selecionados pela cópula *estar*. O autor argumenta ainda que a distinção entre "*ser*" e "*estar*" está atrelada a condições discursivas e pragmáticas, visto que o "*estar*" restringe o predicado em uma situação discursiva específica ancorada no tempo/aspecto ou no espaço, como exemplificado nas sentenças abaixo:

- (6)
- a. Gabriela é muito atenta.
 - b. Gabriela está muito atenta *ultimamente*.
 - c. Maurício é diferente.
 - d. Maurício está diferente *hoje*.

As sentenças copulares são peculiares quando seu predicado é um sintagma preposicional (PP, do inglês *prepositional phrase*), já que, a depender da preposição núcleo do PP, o sentido da sentença pode mudar completamente. Assim, percebendo a escassez de estudos que se debruçam sobre essas questões, almejamos, com este projeto, contribuir para os estudos linguísticos teórico-descritivos do português, analisando questões sintático-semânticas acerca dos sintagmas preposicionais, que são selecionados como predicados de construções copulares, pois, como se sabe, no português brasileiro atual, a seleção de cópula + PP pode culminar em papéis temáticos (ideias semânticas) distintos a depender da semântica expressada no PP pós-cópula. É relevante salientar ainda que a seleção das cópulas *ser/estar*, nesses casos, é fixa (diferentemente, por exemplo, de sentenças como *O João é/está feliz*, cuja seleção pode ser tanto da cópula *ser* quanto da *estar*), não podendo, então, haver permuta dessas cópulas. Para enumerar apenas alguns exemplos, vejamos o contraste exibido entre (7) e (8) abaixo:

- | | | |
|-----|-------------------------------------------------|---------------------|
| (7) | a. A Denise está / *é [PP na praia]. | <i>Locativo</i> |
| | b. A Denilda está / *é [PP com os orientandos]. | <i>Companhia</i> |
| | c. O Marcos está / *é [PP com dinheiro]. | <i>Posse</i> |
| | d. O feijão está / *é por/ [PP de cinco reais]. | <i>Preço</i> |
| (8) | a. Essa chave é / *está [PP de ouro]. | <i>Matéria</i> |
| | b. O dinheiro é / *está [PP pra o Manoel]. | <i>Beneficiário</i> |
| | c. Este tapete é / *está [PP da China]. | <i>Origem</i> |
| | d. A missa é / *está [PP de sete horas]. | <i>Tempo</i> |

Apesar de no PB a seleção da cópula ser fixa quando esta seleciona um PP como predicado, esta cópula selecionada pode mudar com o passar do tempo. O verbo copular selecionado em determinada época pode resultar numa sentença agramatical ou, pelo menos, atípica em outro período da história. No português arcaico algumas ideias semânticas, como a de companhia, por exemplo, eram determinadas a partir da junção do PP à cópula *seer*, como pode ser visto em (9) (cf. MATTOS E SILVA, 2006, p. 151, ex. (4)):

- (9) ... e que en outro dia seeriam com ele.

No PB atual, no entanto, esta possibilidade está excluída, salvo casos “fossilizados”, como, por exemplo, em textos religiosos:

- (10) Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco...

2. Pressupostos metodológicos

Partindo do exemplo ilustrado por Mattos e Silva (2006) referente ao PP predicado com ideia de companhia no português arcaico, nossa hipótese inicial é a de que outras construções copulares tenham sofrido mudança do português arcaico até chegar ao PB como conhecemos atualmente. Sendo assim, objetivamos, com este estudo diacrônico, a descrição cuidadosa dos dados do português arcaico no período do início ao fim do século XIX a serem coletados de um corpus representativo do português dessa época. Mais especificamente, o objetivo deste projeto é verificar o percurso histórico do português e estabelecer generalizações sintático-semânticas diacrônicas sobre a seleção do PP encabeçado pela preposição “de” (como em (8a), (8c) e (8d)). Escolhemos especificamente o núcleo “de” para o presente estudo pelo fato de que, apesar de alguns autores assumirem ser esta preposição a preposição “mais semanticamente livre de significado” (cf. AVELAR, 2004), ela parece desempenhar um papel essencial, desencadeando várias ideias semânticas distintas inclusive com o mesmo verbo copulativo, como podemos ver em (8).

Cabe aqui ainda um parêntese que para justificar a escolha do século XIX como recorte da nossa análise. Como explicitam Souza e Barreto (2009), no século XVIII, Portugal tinha como norma o português clássico, sendo nesse modelo de língua que muitos textos foram escritos também em território brasileiro, como por exemplo a constituição de 1824. Entretanto, se na primeira metade do século XIX ainda era vigente essa norma para os textos escritos, já não era essa a realidade linguística da segunda metade do século. A busca urgente pela afirmação de uma nacionalidade puramente brasileira – com direito à sua própria língua –, o surgimento de novos leitores de uma classe burguesa emergente, as mudanças no português europeu fizeram eclodir na língua portuguesa falada no Brasil um furor de mudanças. Dito isso, por considerarmos o século

XIX um vértice de efervescente transição do português arcaico para o português brasileiro, consideramos este período perfeito para cumprir nosso objetivo de estabelecer generalizações sintático-semânticas diacrônicas.

Cumprir destacar, que, neste estudo, para que a descrição e análise linguísticas se deem de forma complementar, duas perspectivas teóricas se fazem necessárias: de um lado, a metodologia do quadro teórico da sociolinguística variacionista, como delineada em Weinreich, Labov & Herzog (1968) e Labov (1972) e, de outro, o aparato teórico dos postulados da teoria gerativa na sua versão de Princípios & Parâmetros conforme Chomsky (1981, 1986).

Assim, a perspectiva teórica assumida no tratamento da mudança sintática busca conciliar a gradação empírica observada entre formas em variação e uma interpretação gramatical (estrutural) da mudança (cf. KROCH, 1989). Seguindo esses preceitos, a coleta e a organização do corpus foram feitas a partir de textos manuscritos por brasileiros nascidos no estado de Pernambuco (PE) e/ou por autores portugueses que se encontravam em Pernambuco no período que vai da Revolução Pernambucana de 1822 até o fim do século XIX, a fim de descrever e analisar os fenômenos linguísticos relacionados a processos de variação/mudança do português escrito.

Selecionamos como base da análise os *corpora* do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB), um banco de dados virtual com centenas de documentos impressos e manuscritos de vários lugares e períodos históricos do país. Os dados do PHPB possuem uma vasta gama de documentos datados de antes do século XX, o que se mostrou uma grande vantagem pela natureza diacrônica da nossa pesquisa. Separamos, então, os documentos impressos e manuscritos referentes ao estado de Pernambuco no século XIX, documentos que, apesar de já transcritos e digitalizados, nunca haviam sido analisados sob a ótica da teoria gerativa e com escopo nas relações sintático-semânticas entre as cópulas e os sintagmas preposicionais. Foram ao todo 12 documentos, totalizando 630 páginas de variados gêneros textuais, sendo eles: cartas de leitores, cartas de redatores, cartas pessoais (manuscritas) e anúncios em jornais.

Baseamos nossa análise nos métodos utilizados por Mattos e Silva (1997) em sua análise da variação no uso dos verbos “ser”, “estar”, “ter” e “haver” no galego-português do século XII. Estudamos os aspectos quantitativos e qualitativos de sua análise, seu tratamento dos dados e disposição dos resultados. Foram também contribuições da autora alguns termos emprestados que utilizamos para classificar as ideias semânticas presentes na relação “cópula + PP”, tais como: ideia “locativa nocional” e ideia de “posse abstrata”.

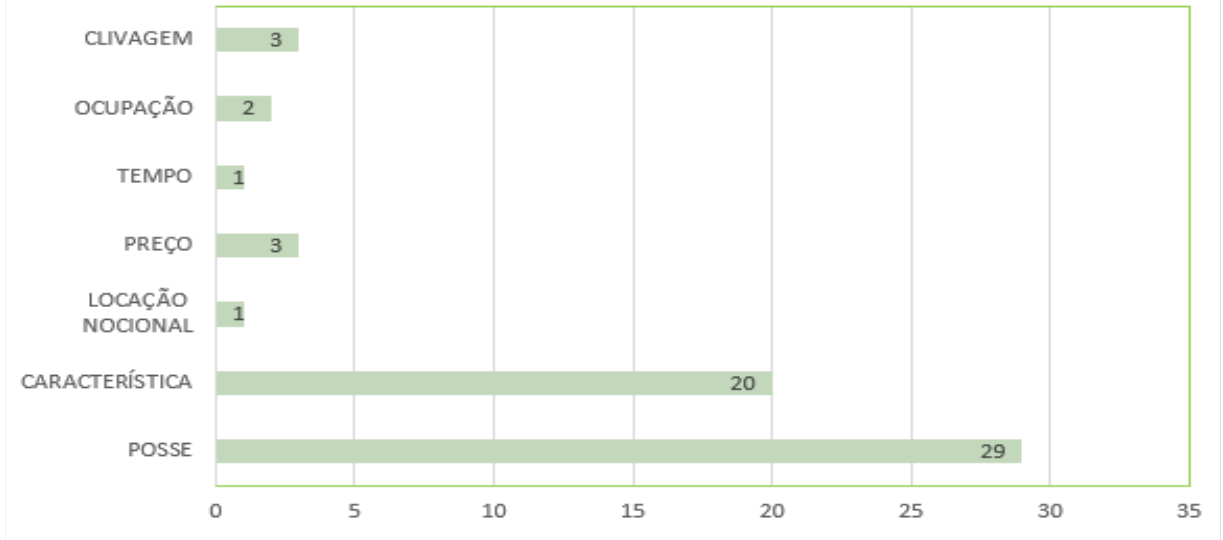
3. Análise e discussão dos dados

Ao longo das 630 páginas, encontramos ao todo 59 ocorrências de orações copulativas cujo predicado é um PP encabeçado pela preposição “de”. As ocorrências foram categorizadas a partir do valor semântico presente na relação semântica “cópula + PP” como discutido anteriormente. Encontramos sete principais ideias semânticas desencadeadas pelas orações copulares nucleadas pela preposição “de”, sendo elas: característica; localização nocional; preço; tempo; ocupação e sentenças clivadas² - que foram descartadas por não configurarem orações copulativas. A quantidade de ocorrências para cada uma das categorias está ilustrada no gráfico da Figura 1:

Figura 1: valor semântico das cópulas encabeçadas por ‘de’.

² Uma sentença clivada canônica é identificada por apresentar a sequência de elementos [ser + XP + que IP...], como em “Foi o João que beijou a Maria” (cf. KRUG DE ASSIS, 2001).

VALOR SEMÂNTICO DAS CÓPULAS ENCABEÇADAS POR 'DE'



Fonte: elaboração própria

Em primeiro momento, a análise quantitativa logo ratificou uma hipótese que já tínhamos no início do estudo: a grande produtividade da relação “cópula + de” para expressar ideia de posse. Esta hipótese fora levantada pelo fato de que, nos dias de hoje, este tipo de construção ainda é muito presente no português brasileiro. Vale ressaltar, entretanto, que a absoluta maioria das 29 ocorrências com sentido de posse se dá no domínio do que podemos denominar “posse abstrata”. Em contraste com a posse material, na abstrata o item possuído não é um objeto físico (cf. MATTOS E SILVA, 1997; STASSEN, 2009). Esse tipo de posse se distancia sobremaneira da noção de propriedade, o que faz com que alguns teóricos duvidem de que este seja realmente um caso de posse, já que a noção de controle entre possuidor e possuído está claramente ausente. Elencamos abaixo alguns dados do século XIX que expressam a mesma ideia de posse material e abstrata:

- (11) (a) "É | [pp da natureza do poder real] tender ao | absolutismo." (posse abstrata)
(b) "Essas ideas não são [pp do tempo], são [pp do futuro]" (posse abstrata)
(c) "[...] acusar-me, al- | guns dos quaes talvez pretencessem ao numero dos re- | beldes, mas que sendo [pp dos que gostão de tirar a sardi- | nha com a mão do gato], e vendo, que o negocio gorou | tornão-se hoje vis denunciantes dos seus companhei- | ros;" (posse abstrata)
(d) "No debate de anteontem em Per- | nambuco, da mesma maneira não se | pode dizer que foi [pp da melhor categoria] o | encontro a que se submeteram ante as câmeras os candidatos da Frente Popu- | lar e da Frente das Oposições [...]" (posse abstrata)
(e) "[...] venho declarar a | quem interessar possa que esse | terreno é [pp de minha plena pro- | priidade]" (posse material)

Entrando mais profundamente na discussão, nos exemplos (11) (a) e (b), a relação “cópula + de” representa uma “legítima” posse abstrata que relaciona um elemento abstrato a algo ou alguém a quem pertence. Já nos exemplos (11) (c) e (d) temos uma outra ideia de pertencimento.

O valor semântico nesses dados expressa o pertencimento de uma entidade abstrata a determinado conjunto ou grupo, seja este abstrato também ou não. Em (c) temos um “grupo de rebeldes”, um conjunto abstrato de pessoas que seguem uma causa revolucionária – no caso, da Revolução Pernambucana –, mas também temos um grupo de pessoas que “gostam de tirar a sardinha com a mão do gato”³. Esta expressão arcaica denota pessoas baixas, sorrateiras, que jogam sujo e deixam que os outros levem a culpa ou revés. Na construção “sendo dos” (ser (cópula) + de (preposição) + os (artigo)), o sentido criado é de que algumas pessoas pertencentes ao grupo dos rebeldes também pertencem ao grupo dos que “gostam de tirar a sardinha”. O trecho prossegue afirmando que, ao perceber que a revolução estava em vias de fracassar, estes elementos mudaram de lado e delataram seus ex-companheiros.

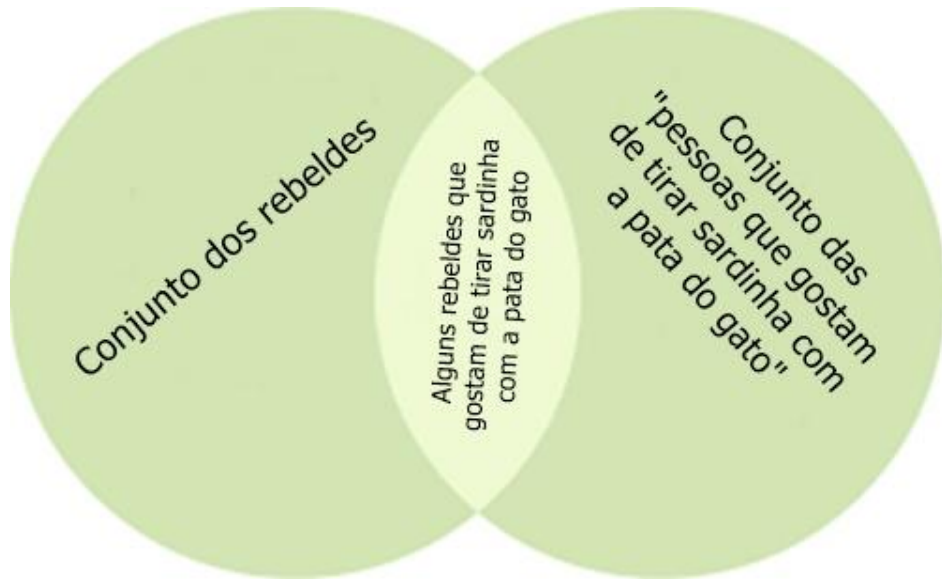
Na relação “cópula + de”, temos que alguns elementos que pertencem ao conjunto dos rebeldes pertencem também ao conjunto “daqueles que gostam de tirar a sardinha”, numa espécie de intersecção entre os dois. Esta relação está ilustrada na Figura 2. A ideia expressa nessa oração copular é um pouco diferente da posse abstrata, uma vez que não há uma entidade que possua nem uma que é possuída, há apenas entidades abstratas que estão contidas em conjuntos maiores de entidades. Esta noção, para fins de clareza, chamaremos de “pertencimento”. De forma semelhante, em (d), temos uma relação de “pertencimento” que não é verdadeira. O “debate de anteontem” não faz parte da categoria dos “melhores debates”. Novamente não há uma relação de propriedade entre dois entes, mas de estar ou não contido num conjunto maior.

Stassen (2009) define o conceito de posse em si como um construto relativamente abstrato, mas calcado em “intuições” consistentes. Freitas e Facundes (2015), corroborando com essa ideia, vão afirmar que “semanticamente, a posse necessariamente corresponde a uma relação envolvendo duas entidades, o possuidor e o possuído.” Estão expressas nesta proposição as tais intuições de Stassen (2009): para haver posse, deve haver um possuidor e um possuído, o que é tão intuitivo quanto óbvio. As relações de “pertencimento” não obedecem a este requisito, sendo assim, não poderiam ser consideradas um tipo de posse.

Alia-se esta questão às proposições de Freitas e Facundes (2015), que apontam: “[A posse abstrata] se distancia da noção de propriedade, o que faz com que alguns duvidem de que este seja realmente um caso de posse” e temos um impasse digno de nota e debates em futuros estudos. Por ora, categorizamos todas estas ideias como “posse” na análise quantitativa, sendo elas de posse abstrata, pertencimento ou de posse material, que, aliás, teve apenas uma ocorrência, disposta no exemplo (11) (e) – o que aponta para sua menor recorrência na língua em detrimento da controversa posse abstrata.

Figura 2: Ideia semântica de pertencimento

³ Segundo o dicionário online Michaelis, “tentar obter algo de modo sorrateiro, servindo-se de outra pessoa e até mesmo expondo-a a riscos.” Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=w40j0>> Acesso em: 01/03/2018.



Fonte: elaboração própria

A segunda categoria com mais ocorrências foi a ideia semântica de característica, com vinte. Este é um termo muito abrangente, mas que escolhemos para esta categoria justamente por este motivo e explicaremos o porquê. Estão abaixo arrolados alguns exemplos de dados agrupados em característica:

- (12) (a) "Pois porque hum homem *he* [_{PP de} pequena estatura] dei- | xa de trajar tal ou tal peça de vestuário?" (característica)
(b) "Quem tiver alguma casa | terrea nesta cidade, que não | *seja* [_{PP de} alta procura] [...]" (característica)
(c) "[...] se hoje *está* [_{PP de} acordo] | com as opiniões dos escriptores de 1801 e 1803 [...]" (característica)
(d) "Ah! isto é [_{PP de} | um alcance sem limites]... Todo mundo vem de hoje em diante, ser gran- | de patriotal" (característica)

Escolhemos um termo “guarda-chuva”, sem levar em conta as especificidades da caracterização (física, mental, comportamental), justamente pela grande abrangência de ideias que a relação “cópula + PP” pode passar com a preposição “de” ao expressar características. No exemplo (12) (a) temos um indicador de fisionomia do sujeito da oração, a pequena estatura. Já em (b) não temos uma característica física, mas abstrata. Está em questão o fato de um terreno ser cobiçado ou não, característica que sequer faz referência a algo com traços animados ou humanos. Em (c) o PP indica uma característica ideológica do sujeito que compactua com as ideias de outros. Em (d), apesar de estar elíptico no trecho, o PP está caracterizando uma ideia. “De um alcance sem limites” é uma característica dada pelo redator à ideia de patriotismo em algum momento da primeira metade do século XIX, época de origem deste excerto.

Estes são apenas alguns exemplos da ampla gama de características que a relação “cópula + PP” encabeçada por “de” pode abranger. Diante disso, nos vimos diante de duas opções: adicionar mais pelo menos uma dúzia de categorias de análise semântica com apenas uma única ocorrência ou fechar todas elas numa única categoria. Escolhemos a segunda opção na tentativa

de não falsear o panorama geral dos dados, visto que fragmentar a categoria característica em muitas outras poderia acabar diluindo sua impactante marca de um terço dos dados colhidos, o que diz muito sobre seu uso no português do século XIX.

Doravante, características que se repetiram mais de uma vez foram separadas em categorias distintas, visando tornar o panorama dos usos da relação “cópula + de” nestas épocas o mais explícito possível, foram elas: preço e ocupação. Seguem abaixo os quatro dados destas categorias, duas ocorrências de cada:

- (13) (a) “[...] em 1930, o | valor dos brinquedos produzidos nas fabri- | cas paulistas, então existentes, *era* [pp de 1.471 | contos de réis]” (preço)
(b) “[...] vemos, com ef- | feito, que a arrecadação do citado imposto, | quanto a brinquedos, foi [pp de 212 contos], de | janeiro a outubro de 1932, e de 305 contos, | de janeiro a outubro de 1939.” (preço)
(c) “Hoje a Paulo Miranda *está* [pp de plantão] de 8 às 18 horas.” (ocupação)
(d) “Na apuração crime, os | soldados que *estavam* [pp de | guarda] no Palácio” (ocupação)

Vale ressaltar que em (13) (c) e (d) as ocupações dos sujeitos das orações são expressas pela cópula “estar”, denotando condições passageiras e/ou episódicas como estar de guarda e estar de plantão. Não há nenhuma ocorrência de predicado *individual level*, visto que predicados inerentes e/ou estáveis, se tratando de profissões, não pedem um PP predicador, mas um NP (predicado nominal, do inglês *nominal phrase*), como em “João é Médico” e “José é guarda”.

Outras duas ideias semânticas que apareceram em duas ocorrências cada foram tempo e localização nocional. Conforme (14), o valor semântico de tempo foi denotado tanto com a cópula “ser” quanto com a cópula “estar”.

- (14) (a) “Que são [pp de maio de 1829]; a segunda sessão de um total de 15 anúncios que vão de Janeiro, Março a Maio de 1850 e a terceira sessão de um total de 23 anúncios que constam de Janeiro, Março, Maio, Junho, Novembro e Dezembro de 1835.” (tempo)
(b) “O serviço telefônico, nesta Cidade | esta a exigir uma enérgica e [illegível] | ta providência por parte da Tram- | ways, de vez que não está [pp de há | muito], atendendo aos interesses da | população.” (tempo)

No dado (a) acima, datado da primeira metade do século XIX, podemos perceber a cópula ser acompanhada pela preposição ‘de’, já em (b), datado do final do século XIX, a ideia de tempo é expressada pela cópula estar. Esta variação com o decorrer dos anos pode significar uma mudança diacrônica na língua portuguesa, no entanto, devido ao pequeno número de ocorrências que possam ratificar essa constatação, a dita variação permanece apenas no campo da hipótese. No que diz respeito às ideias de Gallego & Uriagereka (2016), nestes dois exemplos a permuta entre as cópulas ser e estar são agramaticais. Tanto “estão de maio de 1829” quanto “é de há muito atendendo os interesses da população” não são sentenças produtivas na língua portuguesa.

Por fim, coletamos ainda uma ocorrência em que a preposição “de” encabeça uma oração com valor de localização nocional (cf. Mattos e Silva 1997), isto é, em que a localização do sujeito não está ancorada num ponto específico do espaço, mas num local abstrato ou no plano das ideias.

- (15) (a) “[...] é [pp deste ponto] que se lavra a sentença de sua an- | niqilação, que se faz a ruína, e quiçá a desgra- | ça de muitas famílias” (localização nocional)

No caso de (15) (a), a localização abstrata intrínseca à palavra “ponto” pode ser interpretada também como uma ideia semântica de origem. Caso a intenção do interlocutor seja relatar que o dito ponto é de onde se origina a “sentença de sua aniquilação”, então além da localização abstrata do “ponto”, a oração expressa também uma ideia semântica de origem. Dadas as duas interpretações possíveis, este dado deve ser tratado como ambíguo.

4. Considerações finais

Partindo da análise das cinquenta e nove ocorrências de orações copulativas encabeçadas pela preposição “de”, pudemos concluir que no século XIX, tal como no PB vigente na atualidade, a ideia semântica mais frequente e produtivamente empregada a este tipo de construção é a de posse, tanto física quanto abstrata. Esta hipótese já fora levantada no início das reuniões e da pesquisa e foi confirmada com uma considerável quantidade de ocorrências. Concluímos também que a ideia semântica de características, por ser muito abrangente, também foi muito produtivamente expressa pela já citada construção.

Podemos ainda sugerir que algumas ideias semânticas sofreram mudanças na forma como eram expressas por orações copulativas com PP “de” no início e no fim do século XIX, como a de tempo, por exemplo. Entretanto, apenas uma análise com um número mais rico de ocorrências pode ratificar ou descartar esta hipótese.

Por fim, faz-se importante ressaltar também o impasse encontrado pela análise quanto às questões semânticas envolvendo as ideias de posse material, posse abstrata e pertencimento. Os tênues limites semânticos entre as três noções se mostraram um problema para a análise quantitativa do estudo, contudo, pode-se concluir a partir da discrepância entre o número de ocorrências que as ideias de posse abstrata e pertencimento se mostravam mais produtiva em sentenças do português no século XIX em relação à de posse material – entre um ítem físico e um sujeito possuidor –, visto que esta figurou em apenas uma ocorrência de vinte e nove, isto é, menos de 5%.

Referências bibliográficas

- AVELAR, J de O. *Dinâmicas Morfossintáticas com Ter, Ser e Estar em Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Campinas, UNICAMP, 2004.
- CASTELEIRO, J. M. *Sintaxe Transformacional do Adjectivo: Regência das Construções Completivas*. Lisboa: INIC, 1981.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- _____. *Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger, 1986.
- DECLERCK, R. *Studies on Copular Sentences, Clefts and Pseudoclefts*. Dordrecht: Leuven University Press, 1988.
- DORON, E. *Verbless Predicates in Hebrew*. Ph.D. Dissertation, University of Texas at Austin, 1983.
- HEYCOCK, C. The internal structure of small clauses: new evidence from inversion. In BECKMAN, J. Eds. *Proceedings North East Linguistic Society*, nº 25, 1994.
- GALLEGO, A.; URIAGEREKA, J. 'Estar' = 'Ser' + X. *Borealis*. Vol. 5, nº 1, 2016.
- GUMIEL, S. Sobre las diferencias entre ser y estar. El tipo de predicado y el tipo de sujeto. *RedELE, revista electronica de didactica / español lengua extranjera*, nº 13, 2008.

- KROCH, A. *Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change*. *Language Variation and Change*, 1, 3, 1989. p. 199-244.
- KRUG DE ASSIS, C. A. *Sentenças clivadas e pseudo-clivadas no Português Brasileiro*. Florianópolis, 2001. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- LOHNDAL, T. *The phrase structure of the copula*. Working Papers in Scandinavian Syntax. vol. 78, 2006.
- MORO, A. *The Raising of Predicates: Predicative Noun Phrases and the Theory of Clause Structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- MATTOS E SILVA, R. V. Observações sobre a variação no uso dos verbos ser, estar, haver e ter no galego-português ducentista. *Estudos linguísticos e literários*, Bahia, n19, p. 253-285, 1997.
- _____. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- MIRA MATEUS, M. H. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7ª ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- PAIXÃO DE SOUSA, M. C. *Língua Barroca: sintaxe e história do português nos anos 1600*. 2004. 377 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem. UNICAMP, Campinas.
- RAPOSO, E. P. Orações copulativas e predicções secundárias. In: RAPOSO, E. P. et al. *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- SOUZA, E. J. P. M., and BARRETO, T. M. M. Uso de estruturas relativas em textos de escritores portugueses e brasileiros dos séculos XIX e XX. In: OLIVEIRA, K., CUNHA E SOUZA, H. F., and SOLEDADE, J., orgs. *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009.
- STASSEN, L. *Predicative Possession*. New York: Oxford University Press, 2009.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: W. Lehman; Y. Malkiel. (Eds.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.

Recebido em: 20/12/2020

Aprovado em: 05/02/2021

Publicado em: 25/07/2021